

MICHEL MAFFESOLI E A “TECNOMAGIA”

MICHEL MAFFESOLI AND THE “TECHNOMAGIC”

Leila Fayek Tacla Yacoub¹

RESUMO

Esse artigo aborda a recuperação das crenças comuns através do ressurgimento do “sacral” com ênfase na religiosidade recuperada pela “tecnomagia”, expressão criada pelo sociólogo e filósofo francês Michel Maffesoli. Para ele, houve um reencantamento do mundo na pós-modernidade com a prevalência do qualitativo da existência e da importância do imaginário, em detrimento do utilitarismo existencial predominante na época racional moderna. Questiona-se se toda essa euforia manifestada nesse novo mundo pós-moderno da “tecnomagia”, não colocaria em demasiada exposição essa nova geração reencantada. Além disso, o ressurgimento da religiosidade no Brasil, veio acoplada às igrejas midiáticas e aos grandes centros de exploração da credence e fomento à alienação.

Palavras-chave: Modernidade. Pós-Modernidade. Internet. Tecnomagia.

ABSTRACT

This article addresses the recovery of common beliefs through the resurgence of the “sacral” with an emphasis on religiosity recovered by “technomagy”, an expression created by the french sociologist and philosopher Michel Maffesoli. For him, there was

¹ Advogada e bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Economia pela Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do RJ — Candido Mendes. Bacharel em Filosofia pela FAE Centro Universitário, Curitiba-PR. Mestranda em Ética e Filosofia Política pela PUC PR. *E-mail*: leilafty@gmail.com

a re-enchantment of the world in post-modernity with the prevalence of the qualitative of existence and the importance of the imaginary, to the detriment of the existential utilitarianism predominant in the modern rational epoch. It is questioned whether all this euphoria manifested in this new postmodern world of “technomagic” would not put this new re-enchanted generation on too much exposure. In addition, the resurgence of religiosity in Brazil, came coupled with the media churches and the great centers of exploitation of belief and promotion of alienation.

Keywords: Modernity. Postmodernity. Internet. Technomagic.

INTRODUÇÃO

O filósofo e sociólogo francês Michel Maffesoli², apresenta obras descritivas, sem dar ênfase a discursos políticos. Em sua aula/conferência de 25 de outubro de 2021³, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, o autor expõe sobre o reencantamento do mundo pelas novas gerações, com a aposta do retorno ao sacral na vida comunitária da pós-modernidade: “Minha intenção com esse neologismo (sacral) é designar a difusão do divino na vida cotidiana, e a efusão de entusiasmo que ele provoca em algumas almas mais elevadas” (MAFFESOLI, 2019, p. 15). É a necessidade coletiva da comunhão emocional com o outro.

Maffesoli descreve o período moderno que vai do século XVII até metade do século XX, como o período cartesiano, período em que há a redução da alteridade, com a predominância do individualismo e a redução do outro ao mesmo. É a época do desencantamento do mundo, da racionalização generalizada da existência, retomando as análises clássicas de Max Weber.

Para outro filósofo francês, Michel Foucault, o momento cartesiano (FOUCAULT, 2019, p. 14), foi o momento que requalificou filosoficamente o conhece-te a ti mesmo e desqualificou o cuidado e si. A requalificação do conhece-te a ti mesmo aconteceu quando Descartes, ao colocar a evidência da existência própria do sujeito como efetivamente se dá à consciência, fazia do “conhece-te a ti mesmo” um acesso fundamental à verdade. O sujeito seria *a priori* capaz da verdade, mas apenas acessoriamente um sujeito ético, podendo ser imoral e conhecer a verdade: o sujeito da ação reta da Antiguidade, foi substituído pelo sujeito do conhecimento verdadeiro no Ocidente moderno.

O “*cogito, ergo sum*”, de Descartes, repousava sobre uma importante revolução epistemológica: o fato de se pensar por si mesmo, desde que no confinamento da fortaleza do espírito individual. Hoje, porém, é exatamente o contrário que vemos expresso na ideia de “teia”, dentro da qual o compartilhamento de imagens faz com que sejamos pensados em relação ao Outro; que não existimos senão *pelo e sob* o olhar desse Outro (MAFFESOLI, 2021, p. 143).

² MICHEL MAFFESOLI. **Página inicial**. Disponível em: <<http://www.michelmaffesoli.org>>. Acesso em: 27 out. 2022.

³ CANAL PUCPR. PUCPR — Michel Maffesoli. **Youtube**, 26 out. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HYN9p8sytIA>>. Acesso em: 27 out. 2022.

Para Maffesoli o “outro” retorna na pós-modernidade com o retorno à alteridade, com o pluriculturalismo e o ressurgimento da religiosidade. Reconhece um entusiasmo cotidiano das práticas juvenis, contaminadas por uma paixão que deixou de lado o racionalismo, o materialismo e o economicismo moderno.

A falência do materialismo reitera o fato de que a “crise” tem causas espirituais. Consequentemente, ela requer soluções espirituais. O ressurgimento e a expansão de uma religiosidade difusa é o testemunho mais nítido disso. Acontece o mesmo no que se refere ao ritual, ao sentimento de pertencimento, ao viver junto, etc. Expressões variadas (por vezes, “elementos de linguagem” daqueles que as empregam) para traduzir a importância do imaterial e a relativização do “todo econômico” que tem prevalecido até agora (MAFFESOLI, 2019, p. 81).

Essa nova sociedade pós-moderna não se reconhece mais nesses valores funcionalistas, utilitaristas de um espírito anglo-saxão. Em oposição à essa época racionalista surge a época emocional, com a predominância do espírito latino e a prevalência do qualitativo da existência.

Mas há algo a mais que está em formação tendendo a favorecer o mosaico tribal, a fundação do território do “viver juntos” (isto é, a política como habitar um lugar), a ecosofia⁴ temperando o progresso e o retorno do pacto baseado nas emoções. Isso é o que você tem que “ça-voir” et “savoir dire” (saber ver e saber dizer). Convidado a dar palestras em várias universidades ao redor do mundo, e passando um bom terço do meu tempo profissional em países tão diversos quanto Brasil, Colômbia, México, Coréia, Japão e agora China, posso garantir que é lá que os novos valores em gestação estão sendo inventados. E se a Europa foi o laboratório da modernidade, os países de que acabo de falar são de fato os laboratórios da pós-modernidade. É urgente que as elites francesas percebam isso e saibam moderar sua pretensão de pensar que o Universal não é mais relevante (MAFFESOLI; STROHL, 2013, p. 57, tradução nossa).

Maffesoli, citando São Tomás de Aquino, mostra a conexão existente entre o intelecto e os sentidos⁵. Profundamente influenciado por Aristóteles, Tomás

⁴ Ecosofia: a sabedoria ligada ao lar comum. MAFFESOLI, Michel. **Pactos emocionais**: reflexões em torno da moral, da ética e da deontologia. Curitiba: PUCPress, Edição do Kindle, 2018, p. 38.

⁵ Pág. 243: AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. 2017. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2022.

de Aquino sustenta que nada está na inteligência que não tenha estado antes nos sentidos. Maffesoli preconiza esse retorno aos sentidos, a percepção dos objetos mais do que a formulação de conceitos, do viver mais que pensar: essa é a importância do imaginário, onde o visível e a materialidade das práticas se complementam.

O intelecto não é negado nem negligenciado. Ele é completado pela audição, pelo olfato, pelo tato. Ele favorece o que a mística denomina o “toque divino”! Coisas que reforçam a totalidade do ser e reiteram que uma “alma completa” é constituída pela interação de todos os sentidos. Os êxtases dos místicos bem como as diversas pinturas que representam o paraíso testemunham essa concepção holística (MAFFESOLI, 2019, p. 81).

Essa expressão do holismo, vivenciada na atual sociedade do cotidiano, representa para o Autor uma transcendência imanente, com a retomada do sagrado numa espécie de repatriamento do espiritual, onde o qualitativo da existência importa mais, predominando a benevolência em detrimento do individualismo material. Maffesoli cita Max Scheler na retomada do amor como instrumento para se pensar a vida coletiva. O que Scheler denominava *ordo amoris* se inscreve em uma dinâmica do oculto, culminando no “Amor em Deus”⁶.

A religiosidade pós-moderna é a condição de onde advêm as diversas formas de estarmos juntos: a vida urbana, a cultura digital e as novas mitologias do cotidiano. Com a internet surge um novo reencantamento do mundo: a ciber cultura. Com a “tecnomagia” há o retorno à procura pelo espiritual.

1 TECNOMAGIA

O que Michel Maffesoli sinaliza nesse fim de ciclo no mundo é a nova possibilidade do surgimento de um novo mundo. O desencantamento do mundo se revelou através de uma sociedade tecnocrata instaurada pela racionalidade, provocando a massificação do homem, a fuga da religiosidade e a destruição planetária. O oxímoro de nossos tempos é que existe um efeito inesperado da tecnologia com o surgimento da internet e das mídias digitais: é o retorno do sacral; daí a definição da pós-modernidade pelo Autor como a sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico (oxímoro). O poder do sagrado, da ética do cuidado, esquecidos na

⁶ SCHELER, Max. **Ordo Amoris**. Tradução de Artur Mourão. Covilhã: Lusosofia, 2012. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/20120726-scheler_ordo_amoris.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

modernidade, ressurgem com o advento das mídias digitais e a devastação planetária, forçando um “religare” com o outro, na natureza, na sociedade e no espírito.

A desmaterialização do mundo iniciada pelas paisagens midiáticas a partir do século XIX até nossos dias é o resultado de uma reabilitação das fantasias coletivas, dos sonhos e das zonas do imaginário mais sacrificadas e arregimentadas da vida social. Assim, e paradoxalmente, essa evaporação tem por corolário o surgimento de uma nova corporeidade — melhor, de uma nova carne —, apta a reintegrar à sombra, os excessos e os instintos mais triviais atenuados pela marcha triunfal da razão. Nesse mundo intermediário, entre a luz e as trevas, onde o arcaico se casa com a inovação tecnológica e a inteligência se torna razão sensível (Maffesoli, 2005)⁷, o poder percebe um resíduo que não pode assimilar e assiste assustado à sua proliferação. E a força desta se exprime mais na espetacularização e na conexão que pela expressão consciente de um político (SUSCA, 2019, p. 21).

Esse verdadeiro reencantamento do mundo, como destacado por Maffesoli, expressado na vida cotidiana, é passional e característico dessa natureza religiosa do homem. A técnica atual virtual, torna-se um lugar de irrupção do sagrado, por meio do qual acontece essa religação. Nessa mística tecnológica pós-moderna, outras formas de associações e comportamentos parecem renascer com todas as suas efervescências, nos devolvendo o desejo coletivo de comunhão universal. A própria internet, com suas conexões, se torna uma experiência mística.

A sombra de Dionísio volta a acariciar os enredos pós-modernos (Maffesoli, 1985)⁸. A profundidade do mundo e o sentido último de habitá-lo não se encontram mais na adesão a ideologias abstratas ou a formas de pensamento alfabéticas, racionalizadas, afastadas da vida, mas antes na fascinação das aparências e nos prazeres múltiplos em que o meu corpo cruza e se confunde com o corpo de outro (SUSCA, 2019, p. 17).

Toda essa euforia manifestada nas redes sociais, característica desse período pós-moderno, com toda sua pulsão recriadora do imaginário, **não colocaria em demasiada exposição essa nova geração reencantada?** Não estaria essa nova sociedade

⁷ MAFFESOLI, Michel. *Éloge de la raison sensible*. Paris: La Table Ronde, 2005.

⁸ MAFFESOLI, Michel. *L'ombre de Dionysos*: contribution à une sociologie de l'orgie. Paris: Librairie des Méridiens, 1985.

novamente mergulhada em um novo tipo de aprisionamento, compartilhando tantas informações sobre suas vidas, dados pessoais ao *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* entre outros? Não funcionariam como um novo panóptico?

Quando escreveu sobre a vigilância sofrida pelos indivíduos, tanto em hospitais como em presídios, Foucault (2018), resgatou à ideia de panóptico do filósofo inglês Jeremy Bentham, uma figura cuja arquitetura se apresenta em formato de uma torre, onde o sujeito é visto, mas não sabe quem está lhe vigiando. Partindo dessa leitura, Foucault cria a teoria do panoptismo, onde o efeito desejado era o de automatizar o poder mediante um estado consciente e permanente de vigilância do sujeito, pela torre central e por ele mesmo. Assim, o sujeito passa a se sentir vigiado, mesmo que não esteja sendo em um determinado momento.

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça (FOUCAULT, 2018, p. 198).

Se os presos da torre de Bentham têm ciência de estarem sendo vigiados, os habitantes do panóptico digital de hoje, imaginam estar em total liberdade, mas não estão. Os usuários das mídias digitais se tornam os frequentadores do panóptico digital e colaboram ativamente na sua edificação, expondo-se a si mesmos, fomentando esse mercado panóptico. O sujeito continua de qualquer forma submisso, mas o conceito de dominação para ele permanece inacessível, e assim, ele se sente em liberdade. Uma falsa liberdade. A liberdade e a comunicação ilimitada se transformaram em monitoramento e controle total. Nos tempos pós-modernos a própria sociedade se monitora e tudo vira o espetáculo de Débord. Se deixar ver, se mostrar, instiga, fortalece e inspira essa era reencantada com o espetáculo.

Todas essas informações nos controlam sem nosso conhecimento influenciando nosso consumo e até em quem votamos. São as novas formas de micro poderes. Funcionam como um novo modelo de panoptismo (FOUCAULT, 2018). Essa nova técnica virtual de poder não rejeita nem oprime a liberdade, mas a explora, convidando a compartilhar sem parar, dando opiniões, expressando desejos, contando sua própria vida. Outro problema causado pelas mídias digitais, é que elas incentivam o curto prazo, a primazia absoluta do presente, desestimulando a promessa e uma vinculação com o futuro. A “presentificação” de tudo destrói as ações para o futuro,

como assumir responsabilidades ou prometer. Assim, quando falsas notícias são impostas, esses indivíduos nem sequer pensam, não raciocinam, não conseguindo, por sua vez, identificar os interesses escusos por trás de falsas verdades ou das *fake news*.

Nesse momento histórico onde impera essa nova ordem cultural caracterizada por essa nova experiência mística do desejo coletivo de comunhão universal, o fenômeno das *fake news* ganhou novas proporções na contemporaneidade. Em 2017, “*fake news*” foi eleita palavra do ano pelo Collins Dictionary (2017). O vocábulo eleito denomina “Informações falsas, muitas vezes sensacionalistas, disseminadas sob o pretexto de reportagens” (COLLINS DICTIONARY, 2017, tradução nossa)⁹. Concomitantemente a isso, essa nova sociedade reencantada com tantas informações, não consegue reter a atenção e reage com muita velocidade e até com uma certa histeria, sem raciocínio. Vivemos tempos de instabilidade e fluidez da informação. Esse é um terreno fértil para a disseminação do falso, da dissimulação e da desinformação.

CONCLUSÃO

Se por um lado temos uma sociedade saída da racionalidade, em busca de uma nova realidade mais espiritualizada visando um ideal comunitário na fé compartilhada, por outro conseguimos ainda perceber o mal, o falso, o simulacro e uma certa crueldade na falsa transparência provocada pela “tecnomagia”, que ainda resiste e reside no lado sombrio da natureza humana. Talvez seja esse o preço a pagar pela vasta informação gratuita que temos acesso hoje e pela maior liberdade de expressão que assistimos.

Com o surgimento das mídias digitais e a proliferação de tantas informações diversas, já não distinguimos o essencial do não essencial. Com tamanho fluxo de informação estamos perdendo a capacidade de reduzir as coisas ao essencial, já que mais informações não levam necessariamente a melhores decisões. Muitas vezes até, menos informação produz mais. O conjunto de informações sozinho não esclarece o mundo e também sozinho não gera nenhuma verdade. Deve-se pensar, raciocinar, desenvolver a faculdade superior de julgamento, através de investimentos maciços em educação, principalmente em educação digital.

Na vida, agora transitória e líquida (BAUMAN, 2019), não conseguimos reter nossa atenção e reagimos com mais velocidade e hiperatividade. Esses novos circuitos de

⁹ <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/fake-news>

cansaço e irritação (HAN, 2017), são substituídos por esgotamento, depressão e ódio. A comunicação está em curto, já que só tolera os iguais, porque o igual não dói. As relações sociais são substituídas pelas conexões dos iguais. Para alguns autores é como se a pós-modernidade fosse uma continuidade dos tempos modernos, um pouco diferenciada.

A informação realmente nos reconectou, mas o resultado disso não foi um caminhar sólido rumo a um consenso geral. Ao contrário, os discursos acabaram se radicalizando e a própria busca pela verdade parece não importar tanto. Apesar da *internet* proporcionar a democratização da informação, ela não fez o mesmo com a motivação da formação do sujeito na busca da verdade. Há uma onda de desinformação que difunde falsas verdades a um público muito disposto a aceitá-las, produzindo, às vezes, um dano irreversível, quando compartilhadas propositadamente, por exemplo, nas vésperas de uma eleição, quando não há tempo hábil para a checagem e posterior desmascaramento.

Há uma crise de autoridade, onde novos *players sociais* entraram na disputa da verdade, disputando espaços e opiniões com reais autoridades em um assunto. Há uma verdadeira quebra de hierarquia, que é vista de uma certa maneira como algo positivo, como se a informação pudesse ser questionada e recriada através de um novo comentário colocado num *post*. Ocorre que isso gera efeitos colaterais como a negação, por exemplo, de fatos históricos que ocorreram. Negar a verdade não é a mesma coisa que relativizá-la e sim manipulá-la com objetivos escusos. Opiniões nunca podem ser confundidas com fatos. A democratização de dados, advinda com o surgimento da internet e o aumento da liberdade de expressão, não deve ser confundida com a universalização da formação e do pensamento. Informar é muito diferente de formar verdades. Talvez seja esse o preço a pagar pela vasta informação gratuita que temos acesso hoje e pela maior liberdade de expressão que assistimos.

Por último, não menos importante, o ressurgimento da religiosidade em alguns países não foi muito benéfico, porque no Brasil pelo menos, veio acoplada às igrejas midiáticas e aos grandes centros de exploração da credence e fomento à alienação que são as igrejas neopentecostais. O que nos alivia um pouco, é saber que ainda existem pessoas reflexivas que ainda preservam sua subjetividade, seu senso de justiça e do que é bom, e se sentem até desconfortáveis com essa situação. Esse sentimento de inadequação que essas pessoas percebem, é uma demonstração de que nem tudo está perdido e que a pós-modernidade deve ser encarada, de fato, como uma ruptura com os princípios da racionalização exagerada, da redução da alteridade, da redução do outro ao mesmo e do individualismo, característicos da modernidade.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Mal líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MAFFESOLI, Michel. **A palavra do silêncio**. São Paulo: Palas Athena, 2019.
- MAFFESOLI, Michel. **O Theatrum Mundi pós-moderno: o jogo da vida, a vida como jogo**. Curitiba: PUCPress, 2021.
- MAFFESOLI, Michel; STROHL, Hélène. **Les nouveaux bien-pensants**. Paris: Editions du Moment, 2013.
- SUSCA, Vincenzo. **As afinidades conectivas**. Porto Alegre: Sulina, 2019.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1985.